REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

# OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS DA UNIDADE “BEM” COMPREENDIDA NA TEORIA DE ANTOINE CULIOLI

**ENUNCIATIVE OPERATIONS OF THE UNIT “BEM” AS UNDERSTOOD WITHIN ANTOINE CULIOLI’S THEORY**

Linguística & Letras e Artes • 16/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794655130

Layana Kelly Pereira de Holanda[1]

João Benvindo de Moura[2]

**RESUMO**

Essa pesquisa é um recorte de parte da tese de doutorado em Letras na área de concentração em linguística na linha de pesquisa: Gramática e Léxico: Descrição e Ensino, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, no ano de 2026. Teve como objetivo analisar o valor particular e localizado de um conjunto de ocorrências da unidade linguística *bem* com processos generalizáveis e universais (operações), buscando a invariância (dinâmica) que sustenta cada ocorrência particular enquanto representação construída em língua portuguesa, bem como a passagem de uma ocorrência a outra. Conforme os pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli, entendeu-se que a identidade semântica das unidades linguísticas deve ser buscada no próprio desenrolar do processo significativo e na interação verificada entre as unidades e seu(s) contexto(s). Assim, como metodologia de análise, adotou-se manipulações e reformulações, seguindo a abordagem de autores como Romero e Trauzolla (2014), Pria (2013), Franckel (1989). Os resultados mostraram que a ocorrência da unidade linguística *bem* tende a operar com valor de ajustamento e de convergência nocional, contribuindo para a estabilização provisória das propriedades atribuídas na predicação, de modo geral, como próxima do centro do domínio nocional.

**Palavras-chave:** Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE); Operações enunciativas; Identidade semântica; Unidade bem.

**ABSTRACT**

This research is an excerpt from part of the doctoral dissertation in Languages, within the field of Linguistics, under the research strand “Grammar and Lexicon: Description and Teaching,” at the Federal University of Piauí (UFPI), in 2026. Its objective was to analyze the

particular and context-specific value of a set of occurrences of the linguistic unit *bem* through generalizable and universal processes (operations), seeking to identify the (dynamic) invariance underlying each particular occurrence as a representation constructed in the Portuguese language, as well as the transition from one occurrence to another. Based on the assumptions of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE) from Antoine Culioli, it was understood that the semantic identity of linguistic units must be sought in the very unfolding of the meaning-making process and in the interaction between linguistic units and their context(s). Thus, the analytical methodology involved manipulations and reformulations, following the approaches of scholars such Romero e Trauzolla (2014), Pria (2013), Franckel (1989). The results showed that occurrences of the linguistic unit *bem* tend to operate through the values of adjustment and notional convergence, contributing to the provisional stabilization of the properties assigned through predication, generally positioning them close to the center of the notional domain.
**Keywords:** Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE); Enunciative operations; Semantic identity; Linguistic unit bem.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu das inquietações construídas ao longo da trajetória docente e acadêmica, especialmente no que diz respeito à compreensão dos fenômenos linguísticos que constituem a atividade de linguagem. Nesse percurso, observamos que determinadas unidades linguísticas apresentam diferentes possibilidades de funcionamento nos enunciados, cujas explicações, muitas vezes, não são suficientemente contempladas pelas

abordagens tradicionais da gramática. Entre essas unidades, destaca-se **“bem”,** objeto central desta investigação.

Tradicionalmente, a unidade linguística “bem” é classificada, sobretudo, como advérbio de modo, sendo frequentemente associada a uma significação previamente estabelecida. Entretanto, essa categorização não parece explicar satisfatoriamente a diversidade de valores que a unidade assume em diferentes situações enunciativas. Tal constatação suscita questionamentos sobre como uma mesma forma linguística pode participar de construções distintas e produzir efeitos de sentido variados, mantendo, ao mesmo tempo, propriedades que permitem reconhecer sua identidade.

Nessa perspectiva, destacam-se as contribuições de Antoine Culioli (1990a), especialmente em suas reflexões sobre a unidade bien, em língua francesa, cujos diferentes empregos evidenciam a complexidade de seu funcionamento linguístico. Franckel (1989), por sua vez, aponta para a necessidade de identificar uma unidade na diversidade de empregos e valores de uma mesma marca gramatical, buscando compreender como suas diferentes funções se relacionam e se articulam.

Com base nesses pressupostos, esta investigação fundamenta-se na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli, segundo a qual os valores de uma unidade linguística não são fixos ou preestabelecidos, mas construídos nas relações estabelecidas durante o processo enunciativo. Desse modo, a análise de “bem” ultrapassa sua classificação gramatical, considerando as operações que

possibilitam a construção de seus valores referenciais nos diferentes contextos de uso.

Diante dessas considerações, a pesquisa apresenta como problemática central compreender: como se constituem os valores referenciais da unidade linguística “bem” nos diferentes enunciados e quais operações enunciativas sustentam sua identidade e suas possibilidades de variação de sentido? Parte-se da hipótese de que sua categorização gramatical, isoladamente, não é suficiente para explicar a diversidade de valores que assume nos usos linguísticos, sendo necessário investigar os mecanismos operatórios responsáveis pela construção e estabilização desses valores.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os valores referenciais da unidade linguística “bem” à luz da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli, buscando identificar as operações que sustentam sua identidade e explicam a diversidade de seus empregos. Para tanto, pretende-se investigar suas diferentes ocorrências em enunciados, observando os processos de construção, variação e estabilização dos sentidos, mediante procedimentos de manipulação e reformulação de enunciados, especialmente por meio de glosas e paráfrases.

## 2. COMPREENSÃO DE GRAMÁTICA E NOÇÃO ADVERBIAL PARA GRAMÁTICOS

A discussão sobre as categorias gramaticais ocupa lugar importante nos estudos da língua portuguesa, especialmente quando determinadas unidades linguísticas apresentam diferentes possibilidades de funcionamento nos contextos de uso. Entre elas, destaca-se a unidade bem, tradicionalmente classificada como

advérbio, embora seus diferentes empregos indiquem que sua descrição não se limita à classificação gramatical.

Este capítulo tem como objetivo compreender como alguns gramáticos de referência concebem a gramática e caracterizam a categoria adverbial, com atenção especial ao tratamento atribuído à unidade bem. Busca-se identificar os critérios utilizados nessas descrições e observar seus alcances e limitações diante da diversidade de funcionamento dessa unidade.

Para isso, foram selecionados autores representativos dos estudos gramaticais brasileiros: Bechara (2009) vinculado à perspectiva normativa e tradicional; Neves (2011) cuja proposta apresenta aproximação com abordagens funcionalistas e Azeredo (2014), que desenvolve descrição linguística orientada por diferentes aspectos do funcionamento da língua.

A escolha desses autores justifica-se pela relevância de suas obras na descrição do português e na formação de professores e pesquisadores. A análise dessas perspectivas permite estabelecer um panorama das concepções de gramática e de advérbio, constituindo um ponto de partida para compreender o funcionamento da unidade bem para além de sua classificação tradicional.

## 2.1. Perspectiva Normativa/Tradicional da Língua

### 2.1.1. Bechara (2009) – Moderna Gramática Portuguesa (MGP)

Bechara (2009) apresenta uma proposta que procura articular a descrição científica da língua à gramática normativa, preservando aspectos da tradição gramatical. Para o autor, a gramática descritiva

registra e explica o funcionamento de um sistema linguístico, considerando seus diferentes níveis, sem necessariamente estabelecer julgamentos de certo ou errado.

No que se refere à categoria adverbial, o gramático define o advérbio como uma expressão modificadora que indica circunstâncias e desempenha, na oração, a função de adjunto adverbial. Segundo Bechara (2009, p. 287), o advérbio pode referir-se ao verbo, ao adjetivo, a outro advérbio ou a uma declaração inteira.

Ao abordar a unidade bem, o autor apresenta exemplos de sua ocorrência em palavras compostas, como benfeito, benfeitor e benquerença, evidenciando aspectos de sua formação e de sua relação com outros elementos lexicais.

Observa-se, portanto, que a abordagem de Bechara permanece vinculada à tradição classificatória, ainda que reconheça a importância da descrição científica da língua. A unidade bem aparece predominantemente sob uma perspectiva gramatical e morfológica, sem aprofundamento de seus diferentes valores referenciais nos enunciados.

### 2.2. Perspectiva Funcionalista – Gramatilinguísticas

As propostas de Neves (2011) e Azeredo (2014) apresentam diferentes aproximações com perspectivas funcionalistas, privilegiando, em graus distintos, o uso, o contexto e as relações entre forma e função.

Essas abordagens ampliam a compreensão da gramática ao considerar que o funcionamento das unidades linguísticas não pode ser explicado exclusivamente por classificações previamente estabelecidas. Nesse sentido, contribuem para a reflexão sobre a

unidade bem, especialmente quando se considera sua ocorrência em diferentes configurações linguísticas.

### 2.2.1. Neves (2011) – Gramática de Usos do Português

Neves (2011) desenvolve uma proposta de descrição gramatical fundamentada no funcionamento da língua em contextos reais de uso, considerando aspectos sintáticos, semânticos e discursivos. Sua abordagem procura demonstrar como os elementos linguísticos participam da organização dos enunciados e da construção dos sentidos.

A autora compreende a gramática como uma organização que se manifesta nas diferentes atividades de linguagem, considerando as relações entre os elementos linguísticos e suas funções nos textos.

Em relação à categoria adverbial, Neves (2011, p. 233-234) caracteriza o advérbio como uma palavra invariável que, do ponto de vista sintático, funciona como elemento periférico ou satélite de um núcleo.

Sua contribuição está na valorização do contexto e dos usos linguísticos como elementos fundamentais para a descrição gramatical. Entretanto, embora amplie as possibilidades de análise, sua abordagem ainda apresenta classificações e descrições que nem sempre aprofundam os processos responsáveis pela construção dos valores referenciais de cada unidade.

### 2.2.2. Azeredo (2014) – Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (GHLP)

Azeredo (2014) propõe uma descrição gramatical que busca estabelecer um equilíbrio entre a tradição e as contribuições dos estudos linguísticos contemporâneos. O autor considera a variedade padrão escrita do português brasileiro, mas reconhece a importância de aspectos textuais, discursivos e funcionais para a compreensão da língua.

Sua proposta integra questões relacionadas à gramática, à língua, à linguagem, à variação linguística e à organização dos textos, considerando as funções desempenhadas pelas categorias gramaticais nas diferentes construções.

No que diz respeito ao advérbio, Azeredo (2014, p. 192-193) caracteriza essa categoria como uma das mais heterogêneas da língua, destacando sua invariabilidade formal, sua função modificadora e sua mobilidade posicional.

Embora apresente uma descrição mais ampla da categoria adverbial, o autor não desenvolve uma análise específica da unidade bem. Sua contribuição para esta pesquisa está, sobretudo, no reconhecimento da heterogeneidade das classes gramaticais e da necessidade de considerar o funcionamento das unidades linguísticas em diferentes configurações.

### 2.3. As Contribuições da Teoria Semântica-Enunciativa para o Estudo da Unidade Bem

As discussões apresentadas permitem observar que as abordagens gramaticais, embora ofereçam contribuições importantes para a descrição da língua, nem sempre explicam os processos envolvidos na construção dos valores referenciais das unidades linguísticas. É

nesse espaço que se insere a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli.

Nessa perspectiva, a linguagem é compreendida como uma atividade de construção de representações, referenciações e regulações, realizada por meio de operações cognitivas e enunciativas. O sentido, portanto, não está previamente determinado nas formas linguísticas, mas é construído nas relações estabelecidas durante a enunciação.

A TOPE propõe uma abordagem que considera as operações responsáveis pela construção dos valores referenciais, permitindo investigar como uma mesma unidade linguística pode assumir diferentes valores em distintos enunciados, sem perder sua identidade de funcionamento.

Nesse sentido, estudar a unidade bem implica ultrapassar sua classificação como advérbio e investigar as operações que possibilitam seus diferentes empregos. Interessa compreender como os valores são construídos e estabilizados em cada ocorrência, considerando as relações entre os elementos do enunciado e os parâmetros envolvidos na atividade enunciativa.

Além disso, no levantamento bibliográfico realizado em periódicos, livros e portais acadêmicos, como Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e SciELO, até março de 2026, não foram localizados estudos que investigassem especificamente a unidade bem sob os pressupostos da TOPE. Posterior à desfesa da tese, verificou-se um estudo em andamento de Mestrado, na mesma linha de pesquisa, de Oliveira (2026)[3], intitulado de “Estudo da marca ”bem” `a luz das Operações Predicativas e Enunciativas”, mas sem

publicações, que foi verificado em apresentação oral de Congresso na área da linguística.

Essa constatação evidencia a pertinência de desenvolver uma investigação que contemple os processos operatórios envolvidos na construção dos valores referenciais dessa unidade.

Desse modo, não basta identificar os diferentes usos de bem ou atribuir-lhe classificações conforme os sentidos observados. É necessário compreender os processos enunciativos que possibilitam a construção desses valores e as propriedades invariantes que sustentam sua identidade nas diferentes ocorrências.

## 3. A ARTICULAÇÃO ENTRE A DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS E A LINGUAGEM: TOPE

Este capítulo apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli (1973, 1978, 1985, 1990a, 1990b, 1999a, 1999b, 2002, 2012), que orientam a investigação dos processos de construção dos valores referenciais da unidade linguística *bem*. Busca-se compreender como a diversidade de seus empregos pode ser relacionada às operações invariantes que sustentam a atividade de linguagem, considerando as particularidades de cada ocorrência e as relações estabelecidas entre a unidade, o cotexto e o contexto enunciativo.

Um dos pressupostos fundamentais da TOPE consiste em compreender a linguagem como uma atividade de representação, referenciação e regulação. Nessa perspectiva, a significação não corresponde à atribuição de conteúdos previamente estabelecidos às formas linguísticas, mas resulta de operações cognitivas e

enunciativas realizadas pelos sujeitos na produção e no reconhecimento dos enunciados. A língua, portanto, constitui uma manifestação da atividade de linguagem, sendo por meio de suas marcas que o linguista procura reconstruir as operações subjacentes à construção dos sentidos (Culioli, 1990a).

A diversidade observada nos empregos das unidades linguísticas não representa uma irregularidade a ser eliminada, mas uma propriedade constitutiva da linguagem. Assim, a investigação da unidade *bem* não se limita à identificação de seus valores em diferentes contextos, mas procura compreender os processos responsáveis pela construção desses valores e as regularidades que permitem reconhecer seu funcionamento nas diversas ocorrências.

A análise fundamenta-se, desse modo, na relação entre variância e invariância, considerando que cada emprego particular de bem resulta de operações que produzem valores referenciais localizados. A investigação dessas ocorrências possibilita reconstruir uma invariância dinâmica, compreendida não como um significado fixo, mas como uma regularidade operatória que sustenta a diversidade dos empregos da unidade.

### 3.1. Operações de Representação, Referenciação e Regulação

Na TOPE, as operações de representação, referenciação e regulação constituem atividades interdependentes que participam da construção dos enunciados. Essas operações permitem compreender como os sujeitos organizam representações, constroem valores referenciais e realizam ajustamentos durante a atividade de linguagem.

A representação corresponde à atividade por meio da qual os sujeitos organizam experiências e constroem relações nocionais. Para Culioli (1990a), essa atividade envolve três níveis articulados: o nível das representações mentais, o das representações linguísticas e o das representações metalinguísticas.

A referenciação, por sua vez, consiste na construção de valores referenciais mediante operações de localização realizadas em relação à situação enunciativa. Conforme Culioli (1985), a referência não corresponde a uma relação direta entre as palavras e os objetos do mundo, uma vez que os valores referenciais são construídos na própria atividade de linguagem.

Essa compreensão é particularmente importante para a análise de bem, pois permite considerar que seus diferentes valores não estão previamente inscritos na unidade, mas resultam das relações estabelecidas no interior dos enunciados. Assim, em "*João dirige bem hoje*" e "*Estou bem hoje*", a mesma unidade participa de construções referenciais distintas. Na primeira ocorrência, *bem* contribui para a qualificação da atividade de dirigir; na segunda, participa da construção de um estado atribuído ao sujeito, localizado temporalmente pela marca hoje.

A regulação compreende os ajustamentos realizados entre enunciador e coenunciador na produção e no reconhecimento dos enunciados. Trata-se de uma atividade que envolve a negociação e a estabilização provisória dos valores referenciais, considerando a alteridade constitutiva da linguagem.

No estudo da unidade *bem*, essas três operações permitem compreender que seus valores referenciais resultam da articulação

entre representações nocionais, relações predicativas e determinações enunciativas. A análise deve, portanto, considerar o conjunto das relações que constituem cada ocorrência, e não apenas a unidade tomada isoladamente.

### 3.2. Noção, Domínio Nocional e Gradiente

O conceito de noção ocupa um lugar fundamental na TOPE, pois permite compreender a organização das propriedades físico-culturais mobilizadas na atividade de linguagem. Para Culioli (1999b), as noções constituem sistemas complexos de representação, cuja atualização depende das operações realizadas nos enunciados.

O domínio nocional corresponde ao conjunto de ocorrências de uma noção, organizado a partir de um centro. Na organização do domínio nocional, destacam-se os polos do tipo e do atrator. O tipo corresponde a uma ocorrência representativa das propriedades que caracterizam determinada noção, enquanto o atrator constitui um polo de concentração qualitativa para o qual as ocorrências podem ser orientadas.

A operação de gradiente, por sua vez, permite compreender os movimentos de aproximação ou afastamento em relação ao centro organizador do domínio. Trata-se de uma operação relacionada às variações qualitativas e aos diferentes graus de atualização das propriedades nocionais.

### 3.3. O Sujeito e a Construção do Enunciado

Na perspectiva culioliana, o sujeito não corresponde exclusivamente a uma categoria gramatical, mas constitui uma instância envolvida nas operações de produção e reconhecimento dos enunciados. Sua

participação é fundamental para a construção das relações de referência e para os ajustamentos intersubjetivos que caracterizam a atividade de linguagem.

O enunciado, por sua vez, não é concebido como uma sequência linguística dotada de significado previamente determinado. Segundo Pria (2013), apresenta um duplo estatuto, teórico e material, pois constitui simultaneamente uma unidade observável e o resultado de operações que precisam ser reconstruídas pelo linguista.

Para compreender sua construção, Culioli propõe o conceito de léxis, entendido como um esquema abstrato de relações entre noções. Esse esquema compreende dois argumentos e um operador de predicação, representados, nesta pesquisa, pelos parâmetros X, π e Y.

A partir da organização da léxis, constitui-se a relação predicativa, que posteriormente é localizada em relação às coordenadas enunciativas. Nesse processo, intervêm operações de determinação, tempo, aspecto e modalidade, responsáveis pela construção dos valores referenciais.

A distinção entre relação primitiva, relação predicativa e relação enunciativa permite compreender que o sentido não decorre exclusivamente da organização sintática das unidades.

Ele resulta de um processo de construção que envolve relações nocionais e operações de localização.

No caso de *bem*, essa perspectiva permite investigar como a unidade participa de diferentes configurações predicativas e enunciativas, produzindo valores particulares conforme sua

articulação com as demais marcas linguísticas. Assim, a identidade da unidade não pode ser estabelecida independentemente dos enunciados em que ocorre.

### 3.4. Paráfrases, Glosas e Manipulações Enunciativas

As paráfrases e as glosas constituem procedimentos importantes para a investigação das operações de linguagem. Embora relacionadas, apresentam particularidades metodológicas que precisam ser consideradas na análise dos enunciados.

A paráfrase corresponde a uma atividade metalinguística controlada, por meio da qual o pesquisador produz reformulações para investigar as relações entre diferentes construções linguísticas. Esse procedimento permite observar o que se modifica e o que permanece relativamente estável na passagem de um enunciado a outro.

A glosa, por sua vez, relaciona-se à atividade epilinguística dos sujeitos e aos processos de reformulação que participam da produção e do reconhecimento dos sentidos. Conforme Culioli (1999a, p. 74), a paráfrase constitui uma atividade regulada pelo observador, enquanto a glosa remete à prática linguageira do sujeito enunciador.

Esses procedimentos são particularmente produtivos para a análise da unidade bem, pois permitem investigar os efeitos das transformações realizadas nos enunciados.

Consideremos a ocorrência:

*“Bem feito, tomara que você caia novamente!”*

Nesse enunciado, a expressão *bem feito* não corresponde simplesmente à avaliação positiva da realização de uma atividade. Todavia, sua articulação com a sequência "*tomara que você caia novamente*" contribui para a construção de um valor interjetivo de reprovação, associado à reação do enunciador diante de determinado acontecimento.

As reformulações: "*Muito bonito, tomara que você caia novamente!*" e "*Adorei a queda, tomara que você caia novamente!*" permitem observar relações entre diferentes formas de expressão de uma atitude enunciativa semelhante.

Essas manipulações evidenciam que a construção do valor referencial de *bem* depende das relações estabelecidas com as demais unidades e das determinações presentes na situação enunciativa. Desse modo, a análise não se restringe à identificação de uma equivalência lexical, mas procura reconstruir as operações responsáveis pelos valores produzidos.

### 3.5. Operações de Determinação: Qualificação e Quantificação

As operações de determinação desempenham um papel fundamental na constituição dos valores referenciais, pois permitem individualizar e atualizar as noções em situações enunciativas particulares.

Na TOPE, destacam-se as operações de qualificação (QLT) e quantificação (QNT), que participam da construção das ocorrências nocionais. A qualificação relaciona-se às propriedades qualitativas mobilizadas na caracterização das ocorrências, enquanto a quantificação envolve sua construção e individualização em um domínio.

Essas operações não atuam de maneira independente, uma vez que a constituição dos valores referenciais envolve articulações entre propriedades qualitativas e quantitativas.

No enunciado: "*Passei muito bem na casa dos meus avós*", a unidade *bem* participa da qualificação da experiência expressa pelo predicado, enquanto muito contribui para a construção de um valor intensificado.

A manipulação entre: "*Passei bem na casa dos meus avós*" e "*Passei muito bem na casa dos meus avós*" permite observar como a presença do intensificador modifica a determinação qualitativa da ocorrência. Nesse processo, não se trata apenas de acrescentar uma palavra à estrutura, mas de produzir uma reorganização das relações que constituem o valor referencial do enunciado.

Além das operações QLT e QNT, a TOPE considera procedimentos como extração, flechagem e percurso, relacionados à construção e à localização das ocorrências em um domínio nocional. A extração permite individualizar uma ocorrência; a flechagem possibilita retomar uma ocorrência previamente construída; e o percurso envolve a consideração de uma classe de ocorrências sem a seleção de um elemento particular.

Essas operações oferecem instrumentos para investigar as relações de determinação que participam do funcionamento de *bem*, especialmente quando a unidade integra construções de qualificação, intensificação ou outras configurações referenciais.

### 3.6. Modalidade e Aspecto na Construção dos Valores Referenciais de *Bem*

As operações de modalidade e aspecto participam da constituição dos enunciados, permitindo compreender como o sujeito enunciador estabelece relações com aquilo que enuncia e como os acontecimentos são representados em suas dimensões temporais e qualitativas.

Na TOPE, a modalidade corresponde às operações pelas quais o enunciador constrói diferentes graus de validação da relação predicativa. Culioli (1990) distingue quatro grupos de modalidades: as assertivas, interrogativas e injuntivas; as modalidades relacionadas à possibilidade; as apreciativas; e as intersubjetivas. Essas modalidades podem articular-se em uma mesma configuração enunciativa, participando da construção dos valores referenciais.

A unidade *bem* apresenta diferentes possibilidades de funcionamento modal. No enunciado: "*Pois bem, o que desejas?*", por exemplo, participa da organização discursiva e da relação estabelecida entre enunciador e coenunciador. Já em: "*Bem, eu não posso falar por ele*", contribui para a construção de um posicionamento do enunciador diante da situação apresentada.

Culioli (1990, p. 161), ao analisar a unidade francesa ***bien***, apresenta o enunciado: "*Il peut bien se plaindre, je m'en moque!*" ("Ele pode bem reclamar, eu não me importo!"). Nessa construção, ***bien*** articula-se à modalidade de possibilidade expressa por pouvoir, participando da construção de uma relação intersubjetiva marcada pelo distanciamento do enunciador em relação à ação do outro.

Essas ocorrências evidenciam que a unidade não apresenta um valor modal único, pois seu funcionamento depende das relações

predicativas e enunciativas em que se insere. O aspecto, por sua vez, relaciona-se à maneira como os processos e estados são construídos e localizados temporalmente. Segundo Culioli (1999a), a aspectualidade envolve a articulação entre diferentes operações, incluindo determinação, modalidade e referenciação.

Nos enunciados: "*João dirige bem hoje*" e "*Estou bem hoje*", a marca temporal hoje participa de configurações distintas. No primeiro, bem contribui para qualificar a atividade de dirigir, localizada em determinado intervalo temporal. No segundo, participa da construção de um estado atribuído ao sujeito, também delimitado temporalmente.

A comparação dessas ocorrências permite observar que a mesma unidade pode participar de diferentes relações aspectuais, sem que seja necessário atribuir-lhe um significado previamente estabelecido.

Desse modo, a análise das operações modais e aspectuais contribui para compreender como bem se articula às demais marcas linguísticas, produzindo valores referenciais particulares em cada situação enunciativa.

### 3.7. Variância, Invariância e Estabilização dos Sentidos

A relação entre variância e invariância constitui um dos fundamentos da abordagem semântico-operatória de Culioli. Na TOPE, a diversidade dos empregos linguísticos não é compreendida como um conjunto de significados independentes, mas como manifestação de operações que sustentam a construção dos valores referenciais.

Para Culioli (1990), a linguagem caracteriza-se simultaneamente pela estabilidade e pela plasticidade. A estabilidade possibilita a construção de regularidades necessárias à produção e ao reconhecimento dos enunciados, enquanto a plasticidade permite transformações e ajustamentos decorrentes das diferentes condições enunciativas.

Nessa perspectiva, a variância corresponde às diferenças observáveis entre as ocorrências linguísticas, ao passo que a invariância diz respeito às regularidades operatórias que tornam possível a construção desses diferentes valores. Não se trata, portanto, de identificar um significado comum a todos os empregos, mas de reconstruir as operações que sustentam sua diversidade.

Franckel (2011) apresenta ocorrências da unidade francesa ***bien*** que contribuem para essa reflexão. Em: "*Il a bien fait*" ("Ele fez bem"), a unidade participa da construção de um valor apreciativo de conformidade. Em: "*La lettre a bien été envoyée*" ("A carta foi mesmo enviada"), contribui para a confirmação de um acontecimento. Já em: "*Jean est bien arrivé*", a unidade ***bien*** pode participar da confirmação da chegada ou da construção de uma chegada realizada em condições consideradas satisfatórias, conforme as determinações enunciativas.

Essas ocorrências demonstram que os valores referenciais não são propriedades fixas das unidades linguísticas, mas resultam das relações estabelecidas em cada enunciado.

No português, essa diversidade pode ser observada nas seguintes construções, retomadas do capítulo original:

*"O bem nos atinge todos os dias."*

*“João dirige bem hoje.”*

*“Estou bem hoje.”*

*“Bem, nem sei o que pensar.”*

Na primeira ocorrência, a unidade *bem* participa de uma construção de natureza nominal, assumindo valor agentivo na relação predicativa. Na segunda, contribui para a qualificação de uma atividade. Na terceira, participa da construção de um estado localizado temporalmente. Na quarta, atua na organização discursiva, marcando o posicionamento do enunciador diante de uma situação.

Embora apresentem valores particulares, essas ocorrências não devem ser consideradas manifestações de significados inteiramente independentes. A investigação busca compreender quais operações sustentam a passagem de uma ocorrência a outra e de que maneira a unidade conserva uma identidade de funcionamento em meio à diversidade de seus empregos. Nesse sentido, a invariância não corresponde a um conteúdo semântico estático, mas a uma regularidade dinâmica, cuja reconstrução depende da análise das variações observadas. Como sintetiza De Vogüé et al. (2011, p. 13), “a invariância constitui um modo de raciocínio que permite apreender a variação.” Assim, o estudo de bem orienta-se pela investigação das operações que possibilitam a construção de seus diferentes valores referenciais, considerando que a estabilização do sentido é sempre localizada e dependente das condições enunciativas.

### 3.8. Identidade Semântica

Na perspectiva culioliana, a identidade semântica de uma unidade linguística não corresponde a um significado previamente estabelecido, mas resulta das operações que regulam seu funcionamento nos diferentes enunciados.

Essa compreensão está diretamente relacionada ao conceito de forma esquemática, entendido como uma representação metalinguística abstrata construída pelo linguista a partir da observação das ocorrências de determinada unidade.

De Vogüé (1989) destaca que a identidade de uma unidade linguística deve ser apreendida por meio da variação à qual ela pode ser submetida, considerando que essa identidade também se caracteriza pela própria diversidade de seus empregos.

Essa perspectiva é particularmente relevante para a análise de *bem*, uma vez que a unidade participa de diferentes construções referenciais, apresentando valores relacionados à qualificação, à intensificação, à confirmação, à modalização e à organização discursiva.

A investigação de sua identidade semântica exige, portanto, observar como a unidade interage com as demais marcas presentes nos enunciados, identificando os processos de determinação e os ajustamentos responsáveis pela construção de cada valor.

Nesse percurso, as manipulações e reformulações constituem procedimentos fundamentais, pois permitem comparar diferentes ocorrências, identificar transformações e investigar as regularidades que permanecem na passagem de um enunciado a outro.

## 4. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritivo-analítica, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli. O procedimento analítico consiste na manipulação teoricamente controlada e na reformulação de enunciados, por meio da elaboração de glosas e paráfrases, conforme as contribuições de Franckel, Paillard e De Vogüé (2011).

Apresentamos neste trabalho apenas 3 enunciados. A seleção considerou as regularidades da unidade *bem* observadas em seus diferentes empregos, buscando identificar as propriedades operatórias que sustentam sua identidade e explicam a diversidade de valores referenciais.

O percurso metodológico compreendeu as seguintes etapas: i) seleção de enunciados que apresentam ocorrências da unidade linguística *bem*; ii) análise de seu funcionamento enunciativo à luz da TOPE; iii) investigação dos processos de invariância e variância na construção dos valores referenciais; iv) agrupamento das ocorrências conforme as regularidades identificadas.

As glosas e paráfrases foram utilizadas como procedimentos de análise, permitindo observar as aproximações, distinções e possibilidades de reformulação entre as ocorrências. Por fim, com o recorte da pesquisa, organizou-se as ocorrências em apemas 3 grupos fundamentados nas regularidades identificadas durante o processo analítico, considerando os diferentes modos de funcionamento da unidade *bem* e os valores referenciais construídos nos enunciados.

## 5. ANÁLISES QUE VÃO ALÉM DO *BEM*: POSSIBILIDADES ENUNCIATIVAS

Na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas, a unidade **bem** não deve ser descrita exclusivamente em oposição à unidade **mal,** assim como **mal** não se define apenas em função de **bem.** Embora essas unidades possam estabelecer relações de contraste em determinadas configurações enunciativas, suas identidades semânticas não decorrem de uma oposição lexical fixa, mas das operações que participam da construção de seus valores referenciais em cada ocorrência. Vejamos as análises dos 3 grupos:

*Grupo 1)* ***Enunciado com bem de valore agentivo***[4] - Nesse grupo, observamos as noções de ocorrência-tipo, que é uma configuração abstrata e estabilizada de sentido que serve como modelo cognitivo e linguístico para reconhecer, interpretar e produzir enunciados. O que estaria dentro de algo relacionado ao *bem*?

***Enunciado 1: "Se o bem nos alimenta todos os dias, não é o mal que nos derruba."***

Para melhor entendermos o valor particular e localizado das unidades *bem* e *mal* nesse enunciado, segmentaremos os dois argumentos em duas situações:

* Segmentação do enunciado - parte 1

I. *O bem alimenta pessoas todos os dias.* ***($T_1$)*** *ocorrência 1*

II. *Não temos certeza se o bem alimenta pessoas todos os dias.* ***($T_2$)*** *ocorrência 2*

A unidade linguística *bem* remete a um esquema nocional dado por **X** que faz alguma coisa. É necessário dizer que o esquema nocional é o que está relativamente estabilizado entre os sujeitos, isto é, o pré-construído. Logo, temos <*bem nos alimenta*> que aponta para um horizonte de sentido que é localizado em relação a uma situação enunciativa (E-SIT), o que implica considerarmos aqui as instâncias de tempo, espaço e sujeito enunciadores. Assim, ao enunciar <*bem nos alimenta*>, <*bem*> passa a existir no tempo e no espaço.

A ocorrência <*bem*> em 1 é o termo que ganhou determinação ao fazer parte da relação em que o segundo termo – o localizador – é <*nos*>, o ponto de ancoragem entre os sujeitos enunciadores. À *bem* é atribuída a propriedade de <*ALIMENTAR*>, e a *nos* é atribuída a propriedade de quem deve ser <*ALIMENTADO*>. Mesma reflexão é usada para a unidade *mal*, porém é atribuída a propriedade de <*DERRUBAR*>, e novamente a *nos* é atribuída a propriedade de ser <*DERRUBADO*>. Essas reflexões contribuem para a identificação de que, no momento em que o enunciado é produzido, já houve realização efetiva daquilo que é tido pelo enunciador como o projeto de existência de /*algo se faz com outros*/.

Na 1ª parte do enunciado, "*Se o bem nos alimenta todos os dias*", na unidade ***bem,*** há uma operação de extração em que consiste no isolamento de uma propriedade específica da noção pelo enunciador, que é perpassada também pelo fato de não ser certeza, o ***se*** marca essa noção, e que, no caso, há obviamente outros elementos no mundo que nos alimentam (seja em termos denotativos e conotativos) no dia a dia, ainda que a ideia do enunciado percorra pelo domínio nocional do "abstrato", esse "*bem*", citado no enunciado, é um ser particular; *alimentar* = operador de predicação; *nos* = o ponto a ser atingido. Assim como na 2ª parte do

enunciado “*não é o mal que nos derruba”*, em que a noção de <*mal*> é atualizada pela marca da negativa *não*, a unidade *bem* também opera como aquele que faz algo → derrubar algo, no caso o *nos*.

Considerando ainda o enunciado 1 e compreendendo que o valor se constrói no e pelo enunciado, poderíamos provisoriamente ter ocorrências do predicado através da predicação <*o bem nos atinge e o mal também*>, vejamos:

* ***Se o que não é ruim nos alimenta todos os dias, não é a coisa ruim que nos derruba.***

* ***Se o melhor nos alimenta todos os dias, não é o contrário que nos derruba.***

* ***Se o que é bom nos alimenta todos os dias, não é o péssimo que nos derruba.***

Nas situações de manipulações acima, os elementos linguísticos perpassam por marcas que identificam uma agentividade por indício das unidades */bem/* e */mal/,* que mantêm esse valor, e, logo, no enunciado 1, há um valor preponderante de quantificação (QNT), mas com presença de qualificação (QLT), uma vez que se constrói a representação de alguma coisa que se possa distinguir e situar em um espaço de referência, pois, se houve uma dúvida com o marcador *se*, é de se pensar em outras possibilidades de algo nos alimentar; assim como de algum outro elemento nos derrubar.

Depreendemos, dessas reflexões, que noções gramaticais como a agentividade e a transitividade, por exemplo, da forma como são descritas nos estudos, com enfoque no aspecto estático, são passíveis de reflexões contrárias às noções tradicionais da língua.

Dito isso, podemos dizer que a marca de *bem,* em relação à *nos* em localização no enunciado 1, desenham-se com os seguintes movimentos:

- constroem em 2 pré-construtos com as ocorrências iniciais: (*O bem nos alimenta ⇄ O mal nos derruba*), ambos com valor de agentividade e propriedades de somente quem age faz o que faz.

- projetam a seguinte reflexão: ** Algo 1 - origem dotada de força suficiente e necessária para, através de um **certo evento,** se obter a transformação de **um objetivo;** * Alimentar - remete à transitividade (**processo** pelo qual SEMPRE se obtém transformação de **um objetivo –** algo será digerido); * Algo 2 - remete ao **alvo** resultante (um objetivo SEMPRE transformado pelo evento).*

- modulam a ideia da invariância pelo conjunto das noções de todas as unidades presentes. Sobre algumas delas, temos a marca SE, que se projeta numa bifurcação nocional que não traz garantia de proximidade com a noção de <*o bem de fato alimenta algo ou alguém*>, é como se fosse "retirada" a intuição de existência do que já existe (algo é alimentado por algo, porque assim é permitido no universo dos que alimentam e são alimentados; a marca ALIMENTA projeta um valor de: *alguém (?) pode e tem capacidade de alimentar algo (?)* e está no centro do domínio da noção de <*movimento degustativo*>; a marca *DIAS* recebe a ação como *alvo* desse processo; a marca *NÃO* rompe a noção próxima ao domínio nocional de <*o mal derruba*>, de forma que fica distante do centro desse domínio.

*Grupo 2)* ***Enunciado com bem de valore aspectual/modal*** - Nesse grupo, consideramos valor modalizador quando ocorre uma propriedade construída a um domínio nocional, estabilizando-o sob um determinado ponto de vista enunciativo, em que o enunciador seleciona certos traços do domínio nocional e estabiliza uma propriedade como relevante.

***Enunciado 2: "Carlos é do bem mesmo.***"

Partiremos desse enunciado recriando a situação enunciativa, assim podemos seguir a linha de raciocínio: numa conversa entre duas pessoas, alguém fala algo sobre uma pessoa chamada Carlos:

A. diz: ***Carlos é do bem. ($T_1$)***

B. diz: **Carlos é *do bem mesmo*. *($T_2$)***

No enunciado 2, a unidade linguística /*bem*/ situa uma ocorrência acerca de /Carlos/ no tempo-espaço em relação a quem enuncia. Logo, temos <*alguém que pode ser provisoriamente algo*>. O sujeito enunciador (***$S_1$***) modaliza o enunciado fazendo uso da noção <*ser do bem*>. O localizador Carlos (***X***) é predicado (***π***) pelo estado de ser (é) e de forma provisória é qualificado de <*do bem*> (***Y***). A marca /*mesmo*/ constrói no enunciado um plano nocional que recria o momento anterior ao dessa enunciação, com o seguinte pré-construto[5]: um sujeito (**$S_1$**) se refere a alguém chamando-o de <*do bem*> (**$T_0$**), desse modo, a articulação da marca /*mesmo*/ em (**$T_1$**) atribui um valor de modalidade assertiva (do tipo afirmativa) acerca do que o (**$S_1$**) tem a dizer sobre alguém (**$T_0$**), e nesse pensamento, o enunciador atribui a um coenunciador a tarefa de assumir esse valor assertivo.

O $S_2$ baseia-se no conhecimento que tem desse pré-construto (há algo de bom em alguém – **$T_0$**) para reforçá-lo em **$T_2$** <*do bem mesmo*> e enfatizar alguém ser <*do bem*>, entre outras qualidades que o sujeito possa ter. A noção de <*ser*> encontra-se no tempo presente do indicativo e reforça a ideia de que a opinião de **$S_1$** em relação a quem é /Carlos/ seja <*do bem*> até o momento da enunciação, e conforme a construção apresentada, há uma modalização de posicionamento, sobretudo pela marca /mesmo/, que pode funcionar provisoriamente como <*sim*>, <*certamente*>, <*com certeza*>, e, nesse caminho, o aspecto modal assertivo também se destaca no enunciado.

Numa manipulação desse enunciado, a fim de compreendermos os movimentos dos valores referenciais dessas marcas, temos:

a. ***Alguém é alguma coisa*** (a noção provisória estabilizada de **$S_2$** é a de que uma instância de valor agentivo possui um valor nominativo e tem propriedades de ser único no universo).

b. ***Carlos é alguma coisa*** (a noção provisória estabilizada de **$S_2$** é a de que uma pessoa com nome de Carlos – *que não é qualquer Carlos* – tem propriedades de ser único no universo).

c. ***Carlos é do bem*** (a noção provisória estabilizada de **$S_2$** é a de que uma pessoa chamada Carlos – *que não é qualquer Carlos* – tem propriedades valorativas de ser único no universo – *do bem*, ou seja, uma pessoa com propriedades que levam à noção de "pessoa boa", a noção de Carlos é o resultado de uma propriedade experiencial dos sujeitos enunciadores).

d. ***Carlos é do bem <u>mesmo</u> (X + π + Y ⇄ X²)***[6], em que $\mathbf{X}^2$ é um Carlos do bem *de verdade* (mesmo) (a noção provisória estabilizada de $\mathbf{S_2}$ é a de que uma pessoa chamada Carlos – *que não é qualquer Carlos* – tem propriedades provisoriamente de naturezas valorativas de ser algo – *do bem* – pessoa boa – e é atualizada pelo coenunciador – esse em que o $\mathbf{S_2}$ o conhece de tal forma que reafirma a validação desse lado bom de Carlos com a marca *mesmo*).

A unidade /*do bem*/ em relação às demais funciona, no enunciado, como operador qualificador, que marca um valor provisório de natureza positiva em relação ao fato de quem seja *Carlos*. Se considerarmos que existem diversas formas de vermos as pessoas no mundo, ser /*do bem*/ ≠ de ser /*do mal*/, um não pode ser como o outro ao mesmo tempo, devido aos valores antagônicos dessas marcas no enunciado. A análise do que seja /*ser do bem*/ ou do que seja /*ser do mal*/ parte não somente da ideia avaliativa oriunda de quem enuncia, todavia com base em pressupostos culturais, normas sociais ou padrões esperados de bondade.

Se pensarmos que o valor se constrói no e pelo enunciado, poderíamos provisoriamente ter*: Carlos é gente boa sim / Carlos é humano de fato/ Carlos é bom, não tenho dúvidas / Carlos é gente fina; Carlos é gente como a gente.* Nas situações das manipulações feitas, os elementos linguísticos percorrem marcas de naturezas substantivais, adjetivais, adverbiais sem, necessariamente, seguir uma regra gramatical específica. O sentido para Culioli não é pré-construído, e não sendo, toma “corpo” por fenômenos que fazem aparecer os diferentes tipos de interação da palavra com o contexto.

Na TOPE, pudemos buscar, na propriedade de diferenciação[7], a construção de novas ocorrências que funcionam como zonas concêntricas ao centro atrator: "*do bem*", por exemplo, é construído como um determinado grau de <*ser do bem*> que, se nos afastarmos do centro atrator, aproximando-se da saída do domínio, teríamos um "*do mal*", de modo que essa noção converge ao domínio nocional de <*ser alguma coisa*>.

Em suma, podemos dizer que a marca /*do bem*/ e a marca *mesmo* em localização /*Carlos*/, nesse enunciado, desenham-se com os seguintes movimentos:

- Orientam para a construção da invariância de <*alguém ou alguma coisa que não é essencialmente do mal*>, sobretudo é essencialmente <*do bem*>. Partem de fora do domínio nocional (*ser mal*), caminham em direção ao inteiror (*ser bem*) e estabilizam em um valor fechado (p~q) (*ser muito bem MESMO*).

- constroem uma projeção de identificação/tipo nocional: têm-se uma ocorrência inicial, e, ao entrar em cena, a marca /***mesmo***/ elimina as dúvidas de quem seja o tal /Carlos/, essa marca singulariza o X do enunciado, ou seja, para que os sujeitos do enunciado não duvidem da noção de <*bondade*> do Carlos.

- marcam uma operação de localização entre ocorrências de *Carlos* **X** e outras pessoas. Ao retornar a operação de flechagem e identificação, reafirmam essa ocorrência, colocando-a em destaque em relação às outras, que são descartadas.

- organizam o percurso da noção no domínio nocional por meio do Quantitativo e Qualitativo, fazendo com que a fronteira e o exterior

sejam esvaziados (*Carlos ser bem* ⇄ *Carlos ser mal*), fixando no interior a ocorrência estabilizada.

- modalizam a marca /***mesmo/*** no enunciado construído pelo **$S_2$** e validam o enunciado e as noções /*Carlos*/ e /*ser do bem*/ de forma que as duas (*Carlos é do bem* e *Carlos* é *do bem* ***mesmo***) não sejam idênticas em seus domínios nocionais, embora façam parte da mesma relação predicativa do enunciado.

*Grupo 3)* ***Enunciado com bem de valor aspectual/modal prefixal*** – Nesse grupo, abordaremos a construção de sentido da unidade semântica com valor de prefixo[8], recorremos às ideias de Paillard no estudo: "A propos des verbes prefixés" (2004), em que o autor analisa verbos prefixados (principalmente no francês) que não podem ser compreendidos apenas como soma de "prefixo + verbo base".

***Enunciado 3: "Bendita palavra proferida por você! Gostei!"***

Nesse enunciado, recriaremos a construção da predicação da construção enunciativa para entendermos o panorama do funcionamento da unidade *bem-*:

I. *Algo sobre a palavra é dito por alguém.* **($T_1$)** *ocorrência 1*

II. *Bendita é esse algo sobre a palavra e é dito por alguém que é você.* **($T_2$)** *ocorrência 2*

No enunciado 3, vimos que a unidade *bem-,* na marca *bendita,* tem o mesmo traço de valor da operação de localização que em *bem-*, em situações como: *benfeito, benfeitor* e *benquerer* na condição gramatical denominadas de compostas aglutinadas. Sobre esse elemento morfonemático na palavra *bendita*, imaginemos como um

processo de decalque da língua, ou seja, ainda que a composição tenha se dado pelo elemento “*ben*”, e não “*bem*”, na língua portuguesa, vimos a recorrência de formação de palavras em que seus elementos prefixais são aglutinados, especificamente é um fenômeno gramatical chamado de assimilação fonética como o *im-,* que, em muitos casos, se transforma em *in-* (ocorrências normais no processo de formação de palavras da língua portuguesa), a depender da palavra base, a exemplo de palavras como: *irregular* e *irredutível,* promovendo a ideia de ausência ou negação, assim como em *imperfeito* e *intransferível.* O prefixo "*in-*" termina em /n/ (consoante nasal) e, condicionado à consoante que vem a seguir, se ajusta para aproximar-se do ponto de articulação. Em ambas as situações, *i-* ou *im-* possuem, geralmente, o valor provisório de negação ou ausência.

Essa visão gramatical apresentada acima contribui para partirmos de um ponto linguístico e avançarmos a outro aspecto. O operador linguístico da unidade linguística *bem* nos direciona a uma ocorrência acerca da unidade /palavra/ no tempo-espaço em relação ao que se enuncia. Assim, temos <*algo pode provisoriamente, no momento da enunciação, ser ou ter valor provisório do bem*>. O sujeito enunciador ($S_1$) modaliza o enunciado, fazendo uso da noção <*bendita*> à palavra, nesse caso, manipulando a ocorrência, podemos pensar também sobre valor com propriedades similares, a unidade *bendita* pode ter valor de <*boa dita*>? Se sim, com essa reflexão, observamos que o valor da unidade *bem-* em *bendita*, enquanto elemento simbólico e em construção, torna-se estabilizado provisoriamente do ponto de vista intersubjetivo, com a noção de que se esse “prefixo” funcionasse com valor de predicador, trazendo uma identidade positiva ao já dito; então, podemos dizer que é uma /*palavra*/ *bem informada*, *bem explicada*, *bem colocada*?

Logo, se uma palavra é <*ben (bem) dita*> não pode ocupar ao mesmo tempo a noção de ser <*mal dita*>.

Fazendo um comparativo de movimento análogo a outras situações enunciativas, teríamos: Uma pessoa gosta de comer o ponto de carne o mais próximo do grau assado, longe da "fase crua". Imaginemos que num restaurante, alguém pergunta ao garçom sobre o ponto da carne: *a)"Essas carnes que costumam assar são* ***bem passadas****?"*, seria lícito dizermos que o valor de <*bem*>, no enunciado, tem proximidade referencial a estes dois: *"Essas carnes estão* ***assadas além do comum****?"* ou *"Essas carnes estão assadas* ***por mais tempo?****"*.

Podemos pensar no enunciado a) como *bem* sendo uma noção de valor variável? Vimos que a noção de *bem,* parte do exterior do domínio nocional de <*ser bem*>, caminha-se em direção ao interior e encontra uma zona de fronteira, mas de forma aberta, uma vez que a noção de *assar* se mobiliza de um ponto a outro, como uma projeção gradual que a carne possa passar. Ela deverá seguir esse percurso nocional: <*frio → fresco → morno → quente → muito quente*>, até chegar ao "ponto" desejável. Poderia o $S_2$ parar em qualquer um desses pontos e dizer: *"Quero a carne mais ou menos bem passada, pouco bem passada, muito bem passada"*. Diferentemente da noção de "*bendita palavra*", que não é possível projetarmos essa mesma noção e o valor referencial, porque alteraria o valor da noção do que seria <bem>. Não temos como referenciar que /*palavra*/ tenha esses mesmos níveis graduais de valores. Em "*bendita palavra*", podemos apontar para uma modalidade apreciativa, na qual /*palavra*/ assume um lugar, pelo sujeito enunciador, de "*conforto*". Vejamos algumas manipulações desse valor apreciativo de /*palavra*/:

- ***Muito boa*** *palavra proferida por você! Gostei!*
- ***Perfeita*** *palavra proferida por você! Gostei!*
- ***Bem explicada*** *palavra proferida por você! Gostei!*
- ***Adequada*** *palavra proferida por você! Gostei!*

No enunciado 3: "*Bendita palavra proferida por você! Gostei!*", um $\mathbf{S_0}$ disse algo, e um $\mathbf{S_2}$ trouxe o que foi dito sobre a palavra e, de forma qualificadora, marcou uma avaliação. Se a palavra é bendita não é porque não é maldita, e, não sendo, pode ser proferida que não sofrerá danos. Não é só uma informação a mais no enunciado, há uma apreciação que enfatiza algo "bom" ou minimamente "desejável". Nessas formas de pensar, entendemos que há um movimento semântico em que somos levados a associar a marca *bem* a outras unidades que contribuem para marcar a intensidade dos valores referenciais ligados à noção do que é *ser bendita*.

A noção de <*ser bendita*> nos ajuda a pensar na ideia de que, na relação predicativa, temos: *Algo (**X**) pode ser provisoriamente algo (**Y**)*, justamente porque, para TOPE, a modalidade apreciativa não precisa aparecer como um adjetivo ou um advérbio de forma isolada. Na relação enunciativa, aqui se apresenta um valor referencial (*informa algo à palavra*) e modal (*há um juízo de valor que interage com uma valorização ao que se sabe sobre essa palavra*), de forma que modula o enunciado. Enunciativamente, o que modula é como o sujeito ou a situação são avaliados pelo falante.

Sob a perspectiva culioliana, contudo, essa hipótese revela-se insuficiente, uma vez que o sentido não é concebido como uma

propriedade inerente às unidades lexicais, nem como um conteúdo previamente depositado em um morfema que se adiciona a outro. Ao contrário, as formas linguísticas constituem traços materiais que participam da atividade de linguagem e somente adquirem valor no interior das operações de representação, referenciação e regulação realizadas pelos sujeitos em situação de enunciação. Assim, aquilo que tradicionalmente é descrito como um efeito de prefixação pode ser reinterpretado como o resultado de um complexo trabalho de ajustamento enunciativo, no qual os valores são construídos, negociados e estabilizados provisoriamente em função das relações estabelecidas entre as unidades linguísticas, o cotexto e as condições de produção do enunciado.

As formas linguísticas não são, na teoria, avaliadas em termos de "certo" ou "errado" ou de exceção e exemplo. Se Culioli introduz um critério ao pensar em termos de boa ou má-formação de enunciados, é para se referir, em primeiro lugar, às coerções nocionais, e, em segundo lugar, remeter ao caráter teleonômico[9] da atividade de linguagem, ou seja, ao fato de que a linguagem tende para um *telos* – o devir proliferativo atualizado como escopo de um ajustamento – que pode ou não ser atingido. Assim, na atividade da linguagem, não se busca a adequação à norma, mas o que convém à estabilidade comunicativa no e pelo enunciado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: REPENSANDO SOBRE A UNIDADE BEM

A investigação desenvolvida nesta tese permitiu compreender que os valores referenciais da unidade linguística bem não são previamente determinados, mas construídos por meio das operações mobilizadas na atividade de linguagem. As descrições apresentadas nos manuais gramaticais, embora relevantes,

mostram-se insuficientes para explicar a diversidade de funcionamento dessa unidade quando tomadas exclusivamente a partir de classificações categoriais. Nessa perspectiva, cada ocorrência resulta de relações estabelecidas no e pelo enunciado, mediante operações de representação, referenciação e regulação realizadas pelos sujeitos.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, possibilitou ultrapassar uma abordagem centrada na atribuição de significados fixos, permitindo investigar os processos responsáveis pela construção dos valores particulares e localizados de bem. Conforme Pria (2013), a atividade de linguagem envolve um esforço de regulação das experiências particulares dos sujeitos diante da diversidade de experiências e formas de expressão com as quais interagem.

As análises evidenciaram que a unidade bem não apresenta uma identidade semântica independente de suas condições de ocorrência. Seu funcionamento resulta das relações estabelecidas com as demais marcas linguísticas e das operações enunciativas que participam da construção dos sentidos. Assim, na perspectiva culioliana, não se postula uma estabilidade semântica inerente à unidade, mas processos de estabilização do sentido, constituídos na interação entre a unidade e seu(s) contexto(s).

Em consonância com Romero e Trauzzola (2014), compreendemos que a identidade semântica deve ser investigada no próprio desenvolvimento do processo significativo. Nesse percurso, as manipulações e reformulações constituíram procedimentos fundamentais para observar as variações entre as ocorrências e

identificar as regularidades operatórias que sustentam a construção de seus valores referenciais.

Desse modo, a identidade semântica de bem é compreendida como uma **invariância dinâmica,** constituída por um esquema operatório regular que se atualiza de maneira particular em cada ocorrência. Essa compreensão permite reconhecer que a diversidade dos valores referenciais não representa uma ausência de regularidade, mas resulta das operações que sustentam o funcionamento da unidade em diferentes configurações enunciativas.

Por fim, a pesquisa reafirma a relevância da abordagem semântico-operatória para a descrição do português brasileiro, ao evidenciar que a construção dos sentidos não pode ser reduzida a classificações gramaticais ou a conteúdos semânticos previamente estabelecidos. Embora não tenha como objetivo central o ensino de gramática, o estudo oferece reflexões que podem contribuir para uma compreensão mais ampla do funcionamento das unidades linguísticas, abrindo possibilidades para novas investigações sobre os processos enunciativos de construção dos valores referenciais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Publifolha, 2014.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A.** 1983-1984. Paris: Poitiers, 1985. Disponível em:

https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/290? Acesso em: 23 mar. 2024.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. vol. 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** formalisation et opérations de repérage. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999a. vol. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation.** Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990a.

FRANCKEL, J-J. **Étude de quelques marqueurs aspectuels du français.** Suíça: Librairie Droz, 1989.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português.** 2. ed. atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PRIA, A. D. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. **Signo.** Santa Cruz do Sul, v. 38. nº. 64, p. 50-56. Jan/jun, 2013. Disponível em: https://funartemaisdigital.funarte.gov.br/periodicos/a-especificidade-linguistica-e-nao-linguistica-em-articulacao-com-a-atividade-de-linguagem-2/. Acesso em: 15 dez 2025.

ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. S. L. Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. **Calidoscópio,** [S. l.], v. 12, nº. 2, p. 239–248, 2014. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.122.11. Acesso em: 10 ago. 2024.

[1] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Teresina.

[2] Professor Doutor Associado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

[3] O trabalho da pesquisadora tem muita relação com este artigo (recorte da tese), mas que não teve publicações e portanto, não foi possível identificar a pesquisa como em andamento. O trabalho da pesquisadora foi apresentado na V JISE (Jornada Internacional Semântica e Enunciação) em Cárceres, Mato Grosso, em 2026.

[4] A unidade “bem” é tratadas, aqui nestas análises, como entidade semanticamente estabilizada, porque conforme a TOPE, há, antes, todo um funcionamento enunciativo efetivo. As análises têm como ponto de partida, mas não de chegada, os elementos linguísticos que, de algum forma, levam-nos à “propriedades de alimentar” ou “propriedades de derrubar”; ademais, do ponto de vista culioliano, Nessa perspectiva, o interesse da análise não reside em atribuir a essas unidades propriedades semânticas intrínsecas, mas em descrever as regularidades operatórias que permitem a construção de determinados valores referenciais.

[5] Cabe ressaltar que $T_0$ não é um instante inserido no tempo. Trata-se, antes, de uma construção no plano nocional, fora do tempo, momento em que o sujeito assume algo como verdadeiro. Diz respeito à expectativa, que pode, ou não, inserir-se no tempo.

[6] Escolhemos por trazer esse esquema da área da matemática para apresentar esse valor de propriedades valorativas em relação a

Carlos. Esquema - (X + Y ⇄ $X^2$), *X= Carlos; π = é; Y = do bem; $X^2$ = mesmo.*

[7] Reforçamos sobre esse ponto o que já mencionamos no capítulo 1, a diferenciação parte de uma alteridade construída em um determinado *domínio nocional*. Nesse caso da análise em questão, os marcadores *"gente boa sim, humano de fato, bom não tenho dúvidas, gente fina, gente como a gente"* partem da premissa da TOPE de que, se X é diferente de Y, significa que X e Y não pertencem ao mesmo *domínio nocional*; no entanto, poderá haver diferentes formas de marcação dessa operação.

[8] Nesta tese, utilizaremos, em nossas análises, a nomenclatura da categoria gramatical **prefixo** ao nos referirmos à unidade linguística que opera junto à outra unidade linguística com uma noção de modificação semântica, adição e/ou acréscimo de marcas que alteram o significado do elemento referencial no enunciado. Não consideramos o significado de unidade que se acrescenta de forma fixa, pronta e pré-determinada no contexto e contato enunciativo.

[9] Quer dizer quando a linguagem é usada com finalidade; todo enunciado é orientado por um objetivo.